

O ENSAIO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO
PATEO DO PARAIZO
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES
POR MEZ A RAZÃO
DE 500 RÉIS.

*De Deus é maldição a ignorancia,
Nas azas da instrucção ao céo subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactores — Oliveira Escorel e Henrique Capitolino

Carta a Francino Cismontano. (*)

Penso adivinhar, meu amigo, que a sua honrosa e *impossivel* incumbencia devo-a eu ao dolorosissimo facto de já não ser contado entre os vivos o muito saudoso Torres Bandeira, o nosso amigo, mais meu do que de ninguém.

Penso adivinhar, que é por conta da muito longa e jamais quebrantada confraternidade que nos unio, que vem V. hoje, na fé das lições que lhe ouvi, pedir-me a mim, discipulo mal aproveitado, que faça as vezes do mestre commum.

Por elle e por V. obedeco; mas, veja bem, (e diga a todos, si não rasgar estas tiras, com o que faria uma optima acção) diga a todos: apenas *obedeço*. Em todas, e principalmente nestas fainas, quando a cousa se faz por mera obediencia, não pôde prestar.

Li os seus versos. Muitos d'elles eram já meus conhecidos, pois para os seus merecimentos, quando publicados no *Diario de Pernambuco*, me tinha convidado a attenção o nosso Torres Bandeira.

No meu pobre conceito, fazem os seus versos um contraste salutar com esses arrojados

estafados e *nebulosos* d'uma certa escola, que arma ao sublime pela estrada do inintelligivel.

Mãos tempos estes, meu amigo, em que á clareza se chama frivolidade! em que o ser simples e inintelligivel é prova de poucos alentos de imaginação poetica! Com certeza, reprovado seria Gonzaga, si resuscitasse com as suas *Zyras*; e Goethe deve provocar o riso da compaixão com as *simplezas* do seu perfumado poemeto *Germano e Dorothea*... Deixemos passar a justiça d'el-rei.

Voltaire (com licença da palavra n'esta quadra, que para o nosso Pernambuco vai correndo tão carregada d'excommunhões contra vivos e mortos) Voltaire, sob o titulo *Ensaio sobre os costumes e o espirito das nações*, tentou o plano d'uma historia, em que se achasse, diz o seu biographo, o que aos homens mais convém saber: a influencia sobre a paz e felicidade das nações, dos prejuizos, luzes, virtudes ou vicios, usos ou artes dos differentes seculos. Voltaire escreveu como sempre, ao modo de um philosopho de sua estatura; e foi accusado de frivolo... sabe porque? porque era claro, e podia ser lido sem fadiga.

Como quer que seja, agrada-me a escola de Condorcet (sempre com licença da palavra). O verso e a prosa estão igualmente sujeitos a regras universaes da razão e da natureza, regras sempre as mesmas para todas as linguas e para todos os povos, si bem que só a um limitado numero seja dado conhece-las e alcançar a altura de um gosto seguro e justo, que é consequencia do sentimento d'essas regras. Por ellas foram presididas as composições de Sophocles e Virgilio, como as de Pope e Voltaire; d'ellas vem, que os Gregos e os Romanos d'outra ora, como os Francezes de hoje, extasiavam-se e extasiavam-se perante as

(*) *A presente carta pretendia eu publicar-a, servindo de prologo á alguns versos meus, que em 1873 colleccionei em dous volumes. Frustrado, porém, o meu intento por motivos particulares, muito poderosos, não devo por mais tempo retardar a sua publicação; aqui o faço, não por mera vaidade, como talvez alguém presuma, mas por imperioso dever: o da gratidão. Releve-me o seu illustre autor, si assim procedo.*

FRANCINO CISMONTANO.

mesmas bellezas, notavam e notam os mesmos defeitos.

Em 1855 escrevia ao Dr. Torres Bandeira o Sr. A. F. de Castilho: « Assim como os máos dramas viciam os instinctos racionais das platéas, e as platéas nescias obrigam os seus poetas e autores a refinarem na parvoice, assim tambem os escrevedores de folhetim, os oradores das turbas, os oráculos dos papalvos, as crianças barbadas que passam a vida a soprar bolas de sabão e a levantar palacios e castellos de cartas, têm pervertido o senso commum do vulgo ledor; a ponto de já não se applaudir sinão o que é bombastico, gongorico, marinesco, imagens e mais imagens embora desconchavadas, pompas e mais pompas embora absurdas, phrases sesquipedaes, apparencias de abysmo de profundidade onde ás vezes não há d'isso nem pollegada e meia, erudições apparentes, subtilizas vanissimas, etc. etc.: ouro falso, prata falsa, e até cobre falso e papel falso, é o que hoje mais corre pela nossa republica litteraria... N'este apuro, entendo que é obrigação de consciencia, e muito apertada, oppôr cada um o mais que puder de marachões á torrente devastadora... Continue, meu caro amigo, e persevere tanto mais nos interesses do bom gosto, quanto menos numerosos somos hojemdia os que ousamos rejeitar applausos facilmente compraveis, para nos atermos aos da nossa consciencia. »

Até onde posso alcançar, dou-lhe parabens, meu joven poeta, que me parece V. n'este caminho do bom senso... Sim, do bom senso: ó mal de hoje está em pensarem muitos, que a poesia dispensa o bom senso, e a arte dispensa a moral.

Acabo de verificar, que é V. o que me dizia Torres Bandeira: um modesto filho das Musas, mas filho legitimo, e que pôde um dia ser dos primeiros, porque faz-se dos ultimos.

Continue, *sem esperanza*, a não ser a gloria da fidelidade ao seu fadario.

E' preciso que me explique; e já que a imagem de Torres Bandeira está a interpor-se-nos desde a primeira linha, permitta-me a reproducção de algumas palavras que escrevi ao nosso saudoso amigo, a proposito de um livro, que elle, coitado! desejava e não pôde publicar:

« Abandono o intuito de explicar, porque has colhido tanta indifferença dos contemporaneos, principalmente de Pernambuco. Isto levar-me-hia muito longe, e obrigar-me-hia a uma serie de considerações asperrimas, escrevendo com o fel da mais justa indignação... Fiquemos ambos no que tantas vezes hemos assentado em nossas longas palestras,

solitarias e franquissimas, de dous irmãos viajando incognitos e despreocupados, em romaria pelos dominios das letras; ora com sorrisos d'esperança de tranquillo porto, ora nas prostrações do scepticismo, e sempre em conclusão, quaes outros Jeremias, chorando pelas desgraças da patria, e em particular do nosso Pernambuco!... fiquemos ambos no que tantas vezes hemos assentado: — O premio mais excellente do estudo, está no proprio facto do estudo... Ancoras aqui, é seguro porto: o tempo, o rei dos architectos do bom e dos demolidores do máo, castigará a preguiça e o crime dos contemporaneos, mas fará o seu dever. As sementes, que os bons lavradores, como tu, depositam nos sulcos litterarios, si calcam-n'as com pé desdenhoso os contemporaneos, com certeza os vindouros, agradecidos e respeitosos, hão de rega-las, repetindo os nomes dos semeadores. »

Tire d'aqui, meu amigo, o muito que lhe cabe, a V. que se dizia e ainda se diz, com ufanía, discipulo de Torres Bandeira.

E consinta-me fazer ponto, que o spectro da incompetencia desde o principio está a impôr-me silencio.

APRIGIO GUIMARÃES.

Recife, sitio em João de Barros, 25 de Dezembro de 1873.

O Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, e suas obras poeticas.

(CONTINUAÇÃO)

Antonio Rangel de Torres Bandeira, o distincto poeta e prosador eximio, tambem faz parte desta longa fileira mortuaria! Elle tambem ainda moço baixou ao tumulo,

« Deixando aos vivos a saudade e o pranto
« Deixando ás letras um profundo vacuo. »

Sua vida, que constitue uma brilhante pagina da litteratura pernambucana, fôï curta e espinhosa; porém cheia de fragrancias.

Elle semeou de flores o rude e agro caminho de sua peregrinação!

Como diz Pinhiero Chagas, « seria uma historia triste de escrever a de todos os poetas, que no caminho da gloria encontraram o infortunio, a de todas as aguias que ao desprenderem o vôo no espaço immenso, baquearam com as azas decepadas pelo gladio da morte prematura, ou roídas pouco a pouco pelo dente frígido da miseria!

« Seria uma grinalda triste de ver, a de todas essas flores mortas em botão, mortas sem

terem desvelado as galas de sua corolla, deixando entrever, para maior tristeza, o quanto ellas seriam esplendidas! »

A litteratura brasileira tem soffrido muitas destas perdas!

A morte prematura tem acabado muitas existencias preciosas ás lettras patrias!

Torres Bandeira, comquanto não morresse na primavera da vida, todavia teve uma curta existencia e esta mesma torturada pelo infortunio; e pelo muito que escreveu, pelas abundantes e mimosas flores que seu estro espargio, muito mais ainda promettia para o futuro!

Antonio Ignacio de Torres Bandeira e sua mulher D. Manoela Margarida Souza Rangel, ambos tambem já fallecidos, foram os pais do illustre poeta.

Elle nasceu nesta cidade no dia 17 de Outubro de 1826, quando ainda não tinha serenado de todo a tempestade politica que reventára no nosso solo em 1824. A' bem dizer ainda repercutiam os ultimos échos da lucta democratica, da pugna em prol da liberdade que o Sr. D. Pedro I atacou com a dissolução arbitraria das camaras.

Fomos vencidos, é verdade; demos, porém, uma grande lição ao nosso primeiro monarcha! Foi o primeiro golpe dado á cabeça da terrivel hydra do absolutismo! Não a matou, mas servio para refrear-lhe os impetos!

Em 1848, quando sua provincia natal era de novo theatro de uma revolução em prol da liberdade; quando pelas armas ella buscava vingar-se das arbitrariedades que soffria; quando eram sacrificados nas azas da democracia os nossos valentes tribunos, Nunes Machado e Pedro Ivo; Torres Bandeira recebia na antiga academia da historica Olinda o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

E seria possivel que Torres Bandeira, essa intelligencia vigorosa, essa imaginação viva, esse talento robusto, não professasse as idéas democraticas, elle que soltára o primeiro vagido por entre os ultimos ribombos da lucta de 24; elle que formára-se vendo os seus patrios sacrificarem-se, regando com sangue a gigantesca arvore da liberdade; elle que educára-se na escola liberal?

Não!... mil vezes não!...

Torres Bandeira, foi sempre democrata sincero, liberal verdadeiro!

Sendo por duas vezes eleito deputado provincial, fez sempre valer os direitos do povo e foi admirado pelo seu talento e patriotismo.

Foi nomeado professor de rhetorica e geographia no antigo Lyceu, passando depois da

extinção deste collegio á occupar no Gymnasio Pernambucano as cadeiras de geographia e historia, em cujo cargo morreu em 11 de Novembro de 1872.

Taes foram as exiguas recompensas que recebeu do governo este homem honrado, talentoso e illustrado!...

O jornal *Liberal* por occasião de sua morte escreveu os seguintes trechos, que revelam a ingratição de que foi elle victima até de seus proprios correligionarios.

« *Liberal de convicções firmes, viveu sempre separado daquelles, cujas idéas commungava, somente lembrado quando a proscricção envolvia a todos.* »

« Eis porque seu nome só figura nas batallas da intelligencia. »

« Não é que lhe faltasse merecimento para desempenhar certos cargos; tinha-o de mais, tanto bastára para afastal-o das posições officiaes. »

« Agora que elle é morto, deve ser uma lição bem eloquente para os partidos, que *aproveitam e elevam mediocridades, para esquecerem brilhantes talentos e vocações decididas.* »

Tal foi sua vida politica!

Liberal sincero, o que aqui em Pernambuco quer dizer condemnado ao ostracismo!!

(Continúa).

H. C.

HISTORIA PATRIA.

Esboço Historico da Provincia de Pernambuco

POR

H. C.

PARTE PRIMEIRA

CAPITULO VI

Fundação de Olinda.

(Continuação)

As duas florescentes povoações eram continuamente atacadas e a custo defendidas.

Em um destes ataques em 1535 em Olinda foi Duarte Coelho ferido e só conseguiu a victoria, graças ao auxilio dos Tabayares (1).

(1) Diz o Sr. Pereira da Silva, na biographia de Jorge de Albuquerque Coelho, que «segundo referem o abbade Barbosa Machado, Jaboatão e Fr. Vicente do Salvador, os Portuguezes foram salvos pelo engenho de Vasco

cujo chefe *Tabyra*, guerreiro distincto, servio-lhe de tanto que sem elle duvidariamos do bom exito de Duarte Coelho, e isto cremos tanto mais quando consideramos no odio acerrimo que votava aos Portuguezes esta tribu de leões a que denominavam—*Cahetés*.

Fallando a mesma lingua que estes, *Tabyra* introduzia-se no seu acampamento e por este modo arriscadissimo sabia de suas resoluções e com astucia admiravel burlava os seus projectos.

Desesperados com as continuadas derrotas, os *Cahetés* reuniram as suas forças e marcharam contra *Tabyra* (2) que combateu denodadamente.

Sua terrivel tacápe derrubava de um só golpe grupos de *Cahetés*, sua passagem se assinalava por uma esteira de mortos.

« Tem um olho d'um tiro frechado!
Quebra as settas que os passos lh'impedem,
É do rosto, em seu sangue lavado,
Frecha e olho arrebatada sem dó!
E os inimigos que o campo não cedem,
Olho e frecha mostrando extorquidos,
Diz, em voz que mais eram rugidos:
— Basta, vis, por vencer-vos um só. »

E de facto os derrotou completamente, não obstante a superioridade numerica!

Seguiram-se alguns annos de paz e prosperidade que foi perturbada por nova guerra que, como diz *Southey*, era provocada como de costume pelo máo proceder dos colonos.

Vejamos em resumo o que diz este distincto escriptor sobre esta nova guerra:

Iguarassú estava edificado nas mattas sobre uma angra que se introduzia cerca de duas leguas pela terra a dentro, sua guarnição compunha-se de 90 europeus e 30 escravos, negros e indios. Os sitiantes eram oito mil, numero provavelmente exagerado.

Iguarassú estava apenas fortificado com a palissada, que os Portuguezes haviam adoptado dos indios.

Fernandes de Lucena, que tendo escapado de um naufragio, residia entre os indios e que soubera inspirar ás indias amores pelos Portuguezes, pelo que ellas levavam á noite as provisões de que necessitavam os sitiados. » De qualquer modo foi e auxilio dos indios que os salvaram.

(2) Tambem são dignos de menção *Hagibe* (braço de ferro) e *Piragibe* (braço de peixe), *Tabayrés*, ambos que muito se distinguiram, sendo que este ultimo foi condecorado com o habito de Christo e percebia uma pensão.

Os sitiantes construíram dous grosseiros baluartes em que se abrigavam á noite e cavaram fósos onde se recolhiam para evitar os tiros e d'onde sabiam para tomar de improvisa a praça. Deitavam-se para evitar a pontaria das peças e levantavam-se, apenas as balas passavam, para avançar e arremessar sobre as casas e as palissadas settas inflammadas.

Faltando provisão aos sitiados, mandaram dous botes buscal-a em *Itamaracá*. Comquanto intentassem a cada passo impedir a navegação, atravessando no rio arvores e outros impecilios, os botes inutilisaram tudo e trouxeram a provisão necessaria.

Finalmente depois de um mez de sitio, os *Cahetés* tendo perdido a esperanza de reduzir a praça, fizeram a paz e retiraram-se.

Os *Cahetés* preferindo a ignorancia á escravidão, se embrenharam nas nossas vastas florestas, ao passo que os *Tabayares* preferindo esta á aquella, se conservaram alliados dos Portuguezes.

(Continúa.)

O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

PARTE I

(Continuação)

CAPITULO IV

MARCELLO E VALERIA.

Tres dias depois dos ultimos factos, que narrámos, *Marcello* achava-se commodamente na camara de *Valeria*; estava ainda pallido, porém havia já recuperado em parte as forças, e com a sua leviandade ria do perigo, que corrêra, projectando contal-o aos seus amigos naquella mesma noite na taverna da rua *Argilete*.

Valeria estava sentada junto do irmão, e por passa-tempo brincava com uma macaca, que lhe saltára no collo, e ria como uma criança, dando-lhe com um leque de marfim.

Os dous jovens enfadavam-se, nem sabiam o que fazer quando não estavam cercados dos parasitas, que devoravam-lhes os banquetes. Entregues a esses vampiros, *Valeria* e *Marcello* eram mais dignos de lastima do que de escarneo. Naturaes de Roma e orphãos de pai na infancia, perderam tambem a sua mãe,

que era ainda muito moça. Ella, antes de morrer, escreveu á seu único irmão, residente na Dalmacia, afim de recommendar-lhe os seus filhos, que por enquanto deixava aos cuidados do pygmeu á quem encarregára de os conduzir ao tio.

O irmão da fidada era um libertino, a quem foi por demais importuna a presença dos orphãozinhos; e por desviar-se delles, um anno depois, os enviou a Roma, pretextando que em uma pequena cidade da Dalmacia não podiam elles educar-se conforme a sua hierarchia. Assim, pois, mandou vender a casa onde as crianças haviam nascido, afim de comprar-lhes uma outra maior e mais sumptuosa; querendo que Marcello e Valeria tomassem o seu nome de familia, os perfi-lhou, e logo após mandou-os para Roma, supprindo-os mensalmente com uma avultada somma, afim de que elles se mantivessem segundo a sua classe.

Sem um mentor, que os dirigisse, os dous jovens ficaram á mercê dos proprios caprichos; porquanto, excepto o pygmeu que nunca os abandonára, ninguem mais delles curava. A principio o dinheiro do tio satisfizera as necessidades de Marcello, mas em seguida, tendo entretido estreitas relações de amizade com os perdularios, começou a contrahir dividas; além disto não se applicava a estudo de especie alguma, de modo que, perdidos os principios de educação que adquirira na infancia, era tão ignorante como qualquer da baixa plebe; Valeria não o era menos, porquanto apenas sabendo ler e tendo aprendido um pouco de musica com a criada, outra instrução não tinha.

Amantes entusiastas do luxo e da ostentação, os dous loucos viviam cercados de um grande numero de seus apreciadores, que os roubavam sem que elles se sentissem e que já tinham accumulado enormes quantias para decorar a casa e dar lautos banquetes.

Apezar disto Marcello não pedia mais dinheiro ao tio, contrahindo maiores dividas e recorrendo aos usurarios que lhe serviam, esperando serem pagos com a morte do tio.

Depois de haver enxotado a macaca, cujos carinhos começavam a aborrecel-a, Valeria ficou por instantes meditabunda: depois, dirigindo-se a Marcello, disse:

— Não te lembras do magnanimo varão que te salvou a vida, e em tua loucura esqueces que o reconhecimento te impõe o dever de recompensal-o?

— A primeira cousa que fiz, antes de deixar a casa de Decio, foi pedir noticias de meu salvador; mas nem Decio, nem aquelle seu

amigo de grave aspecto quizeram dizer-me o seu nome, accrescentando-me que elle o prohibira. Não sabes a que ponto chega a obstinação de Decio? Obrigou-me a prometter que d'ora em diante eu não havia de fazer mais dividas e nem que havia de embriagar-me mais nas tavernas.

— Decio tem razão, e tu não deves fallar a tua promessa.

— Em parte, respondeu Marcello satisfeito de si mesmo, tornar-me-hei economico; mas quanto ao vinho não posso dizer outro tanto, e se elle me escalda o cerebro, não tenho culpa.

— Entregas-te excessivamente á crapula, redarguiu Valeria; não foi por isto que o nosso tio te fez deixar a Dalmacia?

— Ora, nosso tio nem se lembra de nós, e eu creio que se assim elle fez, foi para ver-se livre de nós. Demais os ricos não precisam de estudo.

— Assim não pensa Decio, que para instruir-se estuda de manhã á noite.

— Decio é pobre, é um bom rapaz, mas seria melhor se não estudasse tanto e se não fosse tão zeloso christão.

— No entanto nós somos christãos, replicou a joven com vivacidade.

— Como o sabes? acudiu Marcello surpreso.

— Milo me disse, que nós fomos baptisados.

— Milo não sabe o que diz, respondeu Marcello.

— Era elle o confidente de nossa mãe, accrescentou Valeria commovida. Ah! quando me recordo da nossa infeliz mãe, não resisto ás lagrimas. Milo me disse que ella andava sempre triste, mas ninguem pôde jamais saber o motivo da sua tristeza.

Um profundo suspiro, que partia do interior da camara, veio casar-se com as palavras da joven Valeria. Marcello volveu-se, e, dando com os olhos no pygmeu que timido se conservava em um canto, lhe bradou encolerizado:

— Que queres, animal?

O pygmeu empallideceu, e, curvando-se respeitoso, respondeu tremendo de medo:

— Me pareceu ouvir tua voz, ó patricio, e corri ao teu reclamo.

— Eu chamei a tua irmã, disse Marcello, indigitando a macaca e rindo maliciosamente com uma facecia, que feria mais o coração do que o amor proprio do pobre pygmeu.

— Porque choras? interrogou Valeria, vendo tremular uma lagrima nas palpebras de Milo.

— Ouvi fallar de tua mãe, e a memoria della, que foi sempre tão boa para comigo, arrancou-me involuntariamente o pranto, respondeu o pygmeu, limpando os olhos com uma ponta da sua capa.

— Nossa mãe não te maltratava, como nós o fazemos, disse Valeria censurando o procedimento de Marcello, que permanecia impassivel.

— Vós não me maltrataes, meus bons amos, e o que sou eu senão um pobre diabo destinado á zombaria? A natureza mesquinha para comigo, vos colmou de seus dons; nem eu me agasto, caros jovens, quando me chamaes bruto, pois que effectivamente o sou.

— Pobre Milo, soffres os nossos caprichos como um martyr! exclamou Valeria enternecida.

(*Continúa*).

Cartas.

II

Juca.

Prometti fallar-te em minha segunda carta do novo *Lacordaire e typos da época*; porém desejando cantar, como se diz, em prosa e verso estes *heróes*, tratarei agora somente do que ha de mais novo, da partida do Cassino que teve lugar no dia 27 do passado, como deves saber.

Os jornaes d'ante-mão tinham-na annunciado, e os *cupidinhos* esperavam anciosos aquelle dia em que deviam uns levar a primeira e outros receber a resposta. Chegou afinal o dia, a principio um pouco carrancudo, porém mais tarde apresentou-se com aspecto melhor, fazendo esperar uma noite soberba.

Na tarde daquelle dia não se podia passar nas pontes, tanto era o povo; via-se nas cocheiras os seus empregados que limpavam os apparelhos dos carros ou escovavam seus fardões; não se encontravam os cabelleiros em suas officinas, todos tinham ido fazer os penteados que deviam apparecer com todo esplendor á noite na partida; nas esquinas encontravam-se grupos de homens que não fallavam senão no Cassino; de vez em quando viam-se passar cestas de flores que deviam ornar os seus salões; finalmente aquelle dia semelhante-se ao em que nas grandes capitães tem de se executar alguma *opera*, já recommendada pelo nome do seu afamado escriptor, já tão fallada nos cafés e jardins etc.

Chegou a noite. As varandas do paleete bem illuminadas faziam clarear um bom pedaço da rua, o que bastante incommodava aos convidados que tinham bilhete de *sereno*. Começaram a chegar os carros, e ás 10 horas a orchestra rompendo uma quadrilha, começava a partida. *Que gemidos de montanha!*

Deixemos que os *dandys* façam as suas declarações amorosas, que contractem dez ou doze quadrilhas, que algum velho entenda tomar o lugar dos moços, que ronquem as carambolas ou que joguem o *loup*, e vamos ao *sereno*.

O sereno do Cassino! Talvez não me recorde d'uma noite tão pittoresca como aquella. Velhos, velhas, moços, moças, meninos e até crianças nos braços de algumas amas appareceram alli. Com a curiosidade que me caracteriza, deixei que o *pence-uez* cavalgasse por alguns momentos no nariz, e principiei a analysar os typos e a ouvir o que se conversava alto em algum grupo. Eis que chego á um e vi que um moço louro fazia o seu *rendez-vous* a uma joven, que estava tão ébria pela doçura de suas palavras, que não prestava mais attenção á orchestra: dir-se-hia um atheu quasi a converter-se em catholico, reconhecendo as suas vantagens.

De repente um destes *atrevidos* gritou: cala-te *cascabulho*. O moço corando, voltou-se e disse: não sou *cascabulho*, sou *calouro*. O Sr. *atrevido* replicou: se *ouvinte* é *calouro*... Pois bem, disse o moço, sou *ouvinte*, e voltando-se para a joven, disse: V. Exc. desculpe, os *atrevidos* em toda parte estão, não respeitam ninguem. A moça, porém, conhecendo a manha do *bicho*, disse-lhe: não se incomode, *doutor*.

Conheci bem o meu heróe, e elle é daquelles que em toda parte se apresentam, discutindo sobre litteratura e muitas vezes sobre politica, pensando deste modo conquistar todas as moças que por condescendencia lhe prestam attenção.

Continuei a andar por entre o povo e descobri um grupo em que estavam Marietta, Pepitta, Sand, Eugenia e Ricardina, que já cansadas se tinham sentado nas grossas correntes por falta de cadeiras. Que Cassino cruel!

Nem ao menos se compadeceu do mal que podia trazer o assento naquellas tão grossas correntes!

Alli parei e comecei a observar as jovens cercadas de seus adoradores. Clevand era ainda feliz, de vez em quando trocava um olhar com Pepitta. Alfredo bafejado sempre pelo halito de Marietta lhê dirigia a palavra e

ella respondia-lhe com agrado. Jorge, porém, pobre rapaz! soffria de quando em quando decepções de Sand, e as vezes, como para pensar no papel que estava fazendo, se sentava em alguma pedra. Cruel Sand! Nem se compadece das dôres do infeliz mancebo! Se ella fosse alguma poetisa, seria melhor que fizesse alguma poesia intitulada—*desengano*—el'h'a entregasse, porque, creio, que elle deixaria de ser tolo.

Tudo correu á mil maravilhas até tres horas da madrugada, quando terminou a partida.

Adeus.

Nilson.

Poesia inédita.

(No album de sua esposa, D. Maria da P. Pimentel de T. Bandeira.)

Renasce em ti formosa primavera,
Como a aurora l'elevas esplendente;
Lanças flores ao fervido poeta,
Que te adora singello e reverente.

Mais que poeta, interprete ditoso
Dos teus affectos, me levanto agora;
Eu luz recibo só de ti, querida,
Que és do meu existir fulgente aurora.

Venho a teus pés depositar sincero
Uma doce oblação d'amor sublime:
Nesta simples linguagem que t'off'reço,
Meu coração o seu sentir exprime.

Bello nome d'Esposa! Quanta graça,
Quanto mimo do céu tal nome encerra!
É's mais que um anjo para mim, és deusa,
Teu soffio firmas muito além da terra.

Mas eu te rogo não me fujas nunca,
Não vás longe de mim no teu adejo!
Tens um templo em minh'alma; enche-a de goso
Enche-lhe a taça de immortal desejo.

Teu esposo, contigo entrelaçado
Na mais terna união, por ti suspira:
Aceita-lhe o cantar que é puro, ingenuo,
Ouve-lhe attenta o resoar da lyra.

Minha deusa, não mais: pobre, rasteira,
Não ergue a musa angelica harmonia;
Sou teu adorador, e o mais que posso
E' fallar-te de amor em poesia.

Escada, 7 de Janeiro, 1869.

A. R. de Torres Bandeira.

Entre Scylla e Caribdis.

(Do hespanhol de D. Francisco Perez Echavarría.)

Vogando no mar da dôr
Quando orphão eu me vi,
Disse: « Me amparo ao amor »,
E no escolho traidor
Do desengano eu cahi.

Vendo-me em tal anciedade,
« E' posto de fé a amizade »,
Feliz ao porto cheguei;
Mas ah! tambem naufraguei
Cahindo na falsidade.

A minha razão perdida,
Combatendo com a sorte,
Foi desde então advertida,
Que é o porto da morte,
Tambem salvação da vida.

29 de Maio de 1876.

Alcipreste.

Sou forte.

A poetisa pernambucana A. Alexandrina, em resposta á sua poesia—Foge—publicada na « Lucta ».

Na caça ou na lide
Quem ha que me affronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O inimigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
— Quem ha mais valente
— Mais dextro do que eu?

(G. DIAS, *Canto do Guerreiro.*)

Oh donzella! sê forte, não temas.
O leão arrogante e potente,
Não te assuste o vulto desta téra,
Eu sou forte, sou dextro, valente!

Se elle dorme—estendido no chão,—
Eu desejo feroz despertá-lo;
Eu não temo da lucta o rigor,
A' meus pés eu só quero deital-o!

Eu desprezo o poder deste monstro,
Eu o quero acordar p'ra luctar;
Despertando-o do somno profundo,
Mesmo vivo o pretendo prostrar!

Eu não temo, sou forte, desprezo,
O feroz animal orgulhoso;
Eu sou joven, selvagem, valente,
Sou das feras o rei poderoso!

Oh donzella! não temas o arrojo
Desta fêra bravia, indomavel;
Eu pretendo prostral-a no chão,
E quebrar seu poder detestavel!

Eu sou forte, sou indio, sou bravo,
Eu me chamo cacique *Pery*,
Eu prometto domar esta fêra,
E' vontade da linda *Cecy*!

25 de Maio de 1876.

Madrigal.

(Á Henrique Capitolino Pereira de Mello.)

Julia, a formosa Julia, a minha bella,
Aquella mesma, aquella
Que de ser-me fiel eternamente
Mil protestos fazia,
Por fim abandonou-me,
Trahiu-me, desprezou-me!
Porém... de que me admiro? realmente
O que de uma mulher esp'rar podia?

1876, Maio.

Francino Cismontano.

(Imit. de Th. Moore).

Magdalena.

Qual lyrio, que nasceu ás tórvas margens
lodocaes de um paul,
a viração do sul;

Tal pura, Magdalena, ao mundo incauta,
ingenua se sorrio,
e ao trêdo perpassar das falsas brisas
a flor do peito abriu...

O lyrio, ás horas funebres da tarde,
desfeito ao vendaval,
rôto o caule, fanado e sem perfume,
tombou no tremedal;

E ella, Magdalena, as vestes candidas
deixou tocar no pó,
murchas as flores da grinalda angelica,
suspira e geme... só....

E o lyrio, que boiára á flor do charco
a essencia lhe tomou:
nem mais uma lembrança do que fôra,
siquer, além ficou.

E ella, Magdalena, arrependida,
das trevas volve á luz!
Eil-a, chorosa, a se abraçar constricta
ao pedestal da cruz!

Abril de 1876.

A. Olindense.

Soneto.

*Veramente la legge, con che Amore
Il suo imperio governa eternamente,
Non è dura nè obliqua; e l'opre sue
Piene di provvidenza e di mistero
Altri a torto condanna.*

(TASSO. *L'Aminta*).

1.

Emquanto o bellicoso herôe preclaro
Arrisca a vida, pelo Marcio louro;
E, por mais altos dons, por mór thesouro,
Vive o sabio em labor continuo e amaro:

Emquanto desvaria o vulgo ignaro
Em seu constante, pertinaz desdouro;
E, adorando em seus cofres o deus Ouro,
Passa mil privações o rico avareoso:

Emquanto a humilhidade erradamente
Grandezas e vaidades só anhela,
Com esvaziada ambição torpe e demente:

Francino, em illusão suave e bella,
Francino, o trovador, o amante, o crente,
Só busca, só deseja a sua Estella.

Revista.

Além da recepção dos jornaes do costume,
fomos obsequiados com um numero do *Diario de S. Paulo*, a cuja redacção agradece-
mos o bom acolhimento que deu ao nosso pe-
riodico, noticiando o seu reaparecimento
com expressões por demais lisongeiras, e re-
tribuiremos a offerta.

Aviso

Acha-se á venda, no escriptorio da redac-
ção, a colleção deste periodico, publicado o
anno passado, por 500 rs.